

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/281645889>

Um ensaio etnofotográfico das "Mulheres do Pontal"

Article · September 2015

CITATIONS
0

READS
65

4 authors, including:



Cristiano Bodart

Universidade Federal de Alagoas

125 PUBLICATIONS 195 CITATIONS

SEE PROFILE

Um ensaio etnofotográfico das “Mulheres do Pontal”

*Cristiano das Neves Bodart¹
Rochele Tenório da Silva²*

A escolha das “Mulheres do Pontal” como objeto de estudo ocorreu pelo fato destas mulheres serem remendadoras de rede de pesca, atividade em processo de extinção na região litoral sul do estado do Espírito Santo (BODART; SILVA, 2015) e por ser uma atividade tipicamente masculina na região. Porém, na comunidade do Pontal esse ofício é realizado quase que exclusivamente pelas mulheres. Assim, as “Mulheres do Pontal” - como são conhecidas as remendadoras de redes de pesca artesanal da comunidade de Pontal da Barra de Itapemirim (ES) - fogem à regra socialmente estabelecida nas comunidades de seu entorno, a qual define que tal ofício compete aos homens. Constituindo uma comunidade de pescadores que levam dias no alto mar, por este motivo, tais mulheres engajaram-se na atividade de remendo de rede, a fim de complementar a renda familiar, sem contudo abandonar outros papéis sociais: de esposa e mãe. O presente ensaio foi realizado durante um fim de semana. A aproximação inicial dos pesquisadores foi bastante difícil, predominando a desconfiança, fato explicado pelo constantemente monitoramento de órgãos de defesa ao meio ambiente que proíbe o remendo de alguns tipos de rede de pesca, ainda que artesanal. Com nossa presença notamos que muitas mulheres guardaram às pressas, dentro de suas casas, as redes que remendavam. Para a aproximação usamos a identidade de “filho de pescador” de um dos autores desta fotoetnografia. Ao conversarmos por cerca de uma hora com duas mulheres, um dos maridos, pescador, se manteve a uma distância que o possibilitava acompanhar nossa conversa. Durante esta, trocamos símbolos (linguagem, gestos, valores etc) próprios do ofício, sendo construído uma relação de confiança via reconhecimento identitário, o que foi fundamental para o contato. (GUSTAVSON; JOSEPH, 2003). A partir desse momento o pescador deixou de nos acompanhar com seu olhar desconfiado. Explicamos o objetivo das fotografias, de nossa observação e do diálogo que se seguiria, o que as deixou interessadas em conferir, posteriormente, o resultado final. Cada vez que escrevíamos no caderno de campo, as mulheres pediam para que o lêssemos, assim como conferir os registros fotográficos. Nesse momento, não se tratava mais de desconfiança, mas de satisfação em ver seu ofício sendo o centro das atenções. As conversas, o registros fotográficos e as anotações de campo se estenderam durante toda aquela tarde. A seguir apresentamos um ensaio fotoetnográfico fruto de uma pesquisa de campo mais abrangente. (BODART; SILVA, 2015).

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).

² Graduando em Fotografia pela Universidade de Vila Velha (UVV).



Preparo para a realização do ofício: Durante a noite, com os olhos nas novelas, “enchem” as agulhas com o *nylon* que se transformará no dia seguinte em parte das redes de pesca.



Ferramentas do ofício: As ferramentas utilizadas são bastante simples. Usa-se uma agulha de plástico (há algum tempo estas eram fabricadas pelas próprias mulheres a partir do bambu), *nylon* de dois ou três tipos, dependendo da composição da rede de pesca.



Papeis sociais: Enquanto realiza o ofício, vigia seu filho que brinca ao lado em um campo de futebol construído para comunidade, no qual foi usado retalhos de redes de pesca para constituir a rede do “gol” e cordas de pesca para delimitar o campo. Sua tarefa não fica muito longe da cozinha, pois os ouvidos precisam estar atentos à panela de pressão.



A interação social: Na realização do ofício, as mulheres que muitas vezes dividem o espaço, mantêm-se informadas do que ocorre na comunidade. Busca-se manter a “fofoca em dia”, como relatou uma delas.



Habilidade: Habilidosas, mantém-se de pé por horas seguidas, na busca complementar a renda familiar (quando contratada por outros pescadores das comunidades vizinhas) ou “arrumar” a rede do marido pescador.



O ofício: O ofício das “Mulheres do Pontal” pode ser assim descrito: limpar a rede (retirar os *nylons* rompidos); encabeçar a rede (prender o pano de rede na encala [corda]); reproduzir as malhas rompidas; trocar as boias e as chumbadas danificadas.



Marcas do ofício: Após anos de ofício que demanda ficar de pé, nota-se as pernas das mulheres marcadas por varizes. A reclamação de ardência nas pernas e dor nas costas é recorrente àquelas que não possuem garantias trabalhistas.



O lugar de cada gênero: Aos maridos, quando “estão em terra” (não estão no mar pescando) cabe auxiliar na tarefa de colher a rede após toda a atividade concluída pelas mulheres.

Referências

BODART, Cristiano das Neves Bodart; SILVA, Rochele Tenório. Fabricante e remendador de redes de pesca: um olhar a partir da etnografia visual. *Iluminuras*, v. 16, n. 37, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/53151>> Acesso em: 15 jul. 2015.

GUSTAVSON, Leif C; JOSEPH D. Cytrynbaum. "Illuminating Spaces: Relational Spaces, Complicity, and Multisited Ethnography." *Field Methods*, v. 15, n. 3, 2003. Disponível em: <http://fm.sagepub.com/content/15/3/252.abstract>> . Acesso em 15 jul. 2015.